



## **A LITERATURA DO DESEJO: UMA ANÁLISE SOBRE PSICANÁLISE E ESTUDOS DE GÊNERO NA OBRA FICCIONAL DE CLODOALDO FREITAS**

MARA LÍGIA FERNANDES COSTA\*

Este artigo propõe aproximar os campos da História, da Literatura e da teoria freudiana para compreender a dimensão da vida afetiva burguesa. Essa proposta interdisciplinar permite vislumbrar um caminho possível para capturar a especificidade do discurso literário e estabelecer ligações com o mundo real entendendo a produção literária como uma forma de apreensão do conhecimento e até mesmo capaz de tentar identificar um prazer inconsciente. O objetivo deste estudo é analisar a sexualidade e os papéis de gênero no conjunto literário de Clodoaldo Freitas a partir de uma perspectiva psicanalítica. Como instrumento de análise este artigo elege dois romances de Clodoaldo Freitas Memórias de um Velho (1905-1906) e Coisas da vida (1908-1909). Estas obras literárias auxiliam a problematizar as tensões da constituição dos papéis sexuais a partir do momento em que o conjunto ficcional se localiza como uma forma de registro de vida. A meta é ampliar as possibilidades de análise acerca das formas de sexualidade burguesa tomando os folhetins publicados nos primeiros anos do século XX como objeto deste estudo.

Uma breve análise sobre a produção historiográfica contemporânea aponta para um aumento gradual sobre pesquisas que contemplem experiências afetivas. Uma possibilidade viável para atingir esse recorte temático é uma abordagem teórica interdisciplinar. Percorrendo simultaneamente os campos da História, Literatura e Psicanálise é possível abrir caminhos para um entendimento da psique humana. Identificar repostas que ajudem a explicar questões difíceis de serem interpretadas referentes à vida privada e especialmente aquelas referentes aos sentimentos íntimos, às questões individuais relacionadas ao corpo e a mente. O objetivo deste artigo é aproximar História, Literatura e Psicanálise enquanto espaços que permitam a constituição de uma subjetividade, uma vez que a narrativa contempla a possibilidade do sujeito (narrador) resgatar os seus próprios desejos internos. Na perspectiva de

---

\* Doutoranda em História na Universidade Federal de Pernambuco. Professora Assistente da Universidade Estadual do Piauí.

desenvolver este estudo elejo uma parte do conjunto ficcional do literato piauiense Clodoaldo Freitas para realizar uma observação psicanalítica com base nas leituras de Sigmund Freud. O artigo apresenta análise de dois romances de Freitas, *Memórias de um Velho* (1905-1906) e *Coisas da Vida* (1907-1908). A escolha se justifica pelo conteúdo narrativo em comum: o perfil do narrador, um sujeito masculino que possui características que se aproximam do próprio autor Clodoaldo Freitas, e, pelas frequentes descrições de relações amorosas que movimentam as tramas e aludem a possíveis desejos internos do próprio Clodoaldo Freitas.

O encontro entre História e Literatura está devidamente firmado do ponto de vista teórico e metodológico. São disciplinas que dão conta de formas de narrativas e que expressam, cada uma a seu modo, as maneiras de externar o discurso dos sujeitos sociais. A pesquisa recorre a fontes literárias para alcançar a meta proposta, por entender que ficção se constitui como indicadora de possíveis que não foram concretizados e de desejos ocultos dos indivíduos, que as fontes tradicionais dificilmente conseguem exprimir para os historiadores. (SEVCENCKO, 2003) Dessa maneira, os romances de Clodoaldo Freitas flagram uma escrita que expressa os sonhos, os desejos íntimos, as angústias e as frustrações amorosas capturadas no ambiente social ao qual o autor pertencia.

No que se refere à Psicanálise, esta é uma disciplina criada por Sigmund Freud (1856-1939). Médico neurologista vienense, apontado como um dos maiores nomes da medicina da era contemporânea. Suas teorias, a maior parte delas revolucionárias, não foram recebidas com confiança por seus pares, todavia foram debatidas, algumas até rechaçadas e reinterpretadas por diversos setores da Medicina. Sua extensa teoria contempla vários temas para a compreensão da psique humana, dentre eles, a histeria, as perversões sexuais, a sexualidade infantil, a hipnose e os traumas psicológicos. A pretensão de Sigmund Freud para as suas teorias era buscar o maciço reconhecimento de outros especialistas. Apesar das críticas, até hoje muito frequentes, a psicanálise se tornou um campo fértil para a compreensão da mente humana e que é também possível outras disciplinas aproveitarem da sua leitura. A História não se distancia dessa

possibilidade e os historiadores estão abraçando, mesmo que ainda timidamente, as teorias freudianas às suas pesquisas.

A interminável e constante busca pela felicidade é uma das constatações freudianas a despeito do indivíduo. Em *O Mal Estar na Civilização* (2011), Sigmund Freud argumenta que a mente humana seria composta basicamente de viver as formas de prazer. De maneira instintiva a mente humana impele o sujeito ininterruptamente a buscar e saciar o prazer entretanto, determinados aspectos internos e externos acabam controlando essa necessidade de alcançar o prazer. Para Freud a mente humana é complexa e ele mesmo admite que faltavam-lhe na época meios para alcançar a profundidade da psique humana e entender sua essência, o seu funcionamento.

Sigmund Freud inicia sua carreira de estudos ainda no final do século XIX mas começa a fazer publicações a partir de 1900, com *A Interpretação dos sonhos*. Em seus primeiros trabalhos Freud propôs uma divisão dual para a mente: consciente e inconsciente. Na primeira se encontrava elementos superficiais da personalidade humana, enquanto que, no inconsciente estavam reservados de maneira oculta todos os comportamentos instintivos de um ser humano. Somente nos anos 1920 ele melhora a sua teoria sobre a composição da psique em *Além do Princípio do Prazer* (1923). Nessa obra, Freud propõe uma forma de compreender a mente a partir de uma categorização que integram a mente do indivíduo em três aspectos: *Id*, *Ego* e *Superego*. (NAKASU, 2007)

São essas as três partes da mente que determinariam o comportamento humano. *Id* se refere ao impulso, à libido, é inato ao ser humano e é a primeira parte a se desenvolver. É caracterizado como um princípio do prazer que age por estímulos instintivos, nessa parte da mente a característica amoral prevalece. O *Ego* está relacionado ao consciente do indivíduo, diz respeito ao princípio da realidade, cuja moral já pode ser identificada com clareza e é responsável pela relação entre o sujeito e o mundo. Segundo Freud o *Ego* é responsável por mediar *Id* e *Superego*, numa tentativa de alcançar o equilíbrio. O *Superego* é o último aspecto a se formar na mente humana, caracterizado por ser um instrumento inibidor, é essencialmente uma hipermoral com

regras de conduta apreendidas no meio social que traz um caráter de inibição às condutas do homem perante o mundo.

É importante entender a complexa mente humana a partir da teoria freudiana porque se o indivíduo é um ser que instintivamente busca o prazer e a felicidade, o mundo real liquidaria as chances dessa conquista do prazer ocorrer. Em *O Mal Estar na Civilização* (2011), Sigmund Freud aprofunda essa afirmação sugerindo que os contínuos progressos do mundo moderno, o chamado processo civilizatório, estariam anulando qualquer chance do indivíduo experimentar os seus instintos. Em consequência, o indivíduo estaria sujeito a determinados insucessos que poderiam causar insatisfações, sofrimentos, seriam os traumas psicológicos que em casos mais graves precisariam ser resolvidos com o auxílio da psicanálise.

Ao contrário do que se imaginava antes das teorias freudianas, a mente humana se altera de acordo com interferências externas e internas. O problema é que as questões que envolvem o entendimento do Eu são tão complexas que construir argumentos definitivos é agir precipitadamente.

*Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmo, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ela serve como uma espécie de fachada – isto aprendemos somente com a pesquisa psicanalítica, que ainda nos deve informar muita coisa sobre a relação entre o Eu e o Id. Mas ao menos por fora o Eu parece manter limites claros e precisos. Só é diferente num estado – por certo extraordinário, mas que não pode ser condenado como patológico. No auge do enamoramento, a fronteira entre Eu e objeto ameaça desaparecer. (FREUD, 2011:9)*

De acordo com a teoria freudiana a psique não permanece a mesma desde a origem até o final da vida do indivíduo. Determinados estímulos ou até mesmo a ausência deles podem afetar o sujeito na sua vida psíquica e na sua relação com o mundo. Nesse caso, as patologias foram tomadas por Sigmund Freud como uma possibilidade de interpretar como a vida psíquica pode ser problemática e como determinados elementos (internos e externos) corroboram para estabelecer estados clínicos passíveis de tratamento terapêuticos.

As peculiaridades da vida psíquica são de fato difíceis de serem analisadas mas para Freud é possível formular algumas suposições, especialmente àquelas que se referem a maneira como o indivíduo se relaciona com o seu passado. Do ponto de vista científico, era difícil para o médico vienense mensurar até que ponto existia uma conservação do passado na vida psíquica. O passado permanece como um influenciador, entretanto, inconscientemente os traumas vivenciados na infância podem apagar totalmente ou parcialmente esse passado. Esta argumentação pode ser útil a partir do momento em que relacionamos esta suposição a outra hipótese de Freud: o princípio do prazer que estabelece a finalidade da vida. (FREUD, 2011)

Durante todo o decorrer da vida humana o prazer se faz presente. Seria um princípio que domina o desempenho do aparelho psíquico desde o começo. Na infância, incluindo o bebê lactante, isso não é diferente. Para Freud, esse prazer se referia à relação da criança com o próprio corpo e não com outro indivíduo, nesse caso seu objeto de prazer seria o seio da mãe, que além de alimento, proporciona satisfação ao se configurar como a sua principal fonte de contato o mundo. Posteriormente, há uma reformulação na relação entre o sujeito e o prazer. O desenvolvimento humano e a vivência de experiências sociais e morais sugerem que o indivíduo busque outras formas de prazer que não sejam instintivas, dentre elas: a tentativa de liquidar os instintos para alcançar a felicidade da quietude, o uso de narcóticos para fugir do sofrimento, ou satisfazer o prazer a partir da sublimação dos instintos. Nesse último caso, a alternativa seria o indivíduo elevar o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual, na maneira como um artista se satisfaz com as suas criações pode ser um exemplo dessa forma de sublimação. Contudo, essa satisfação pela arte não é suficiente, é passageira. Para Freud, “A sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem, não domado pelo Eu, é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado.” (FREUD, p. 23, 2011)

Peter Gay é um dos maiores leitores da teoria freudiana e um dos primeiros historiadores a incorporar esse enquadramento psicanalítico em sua pesquisa histórica. Gay argumenta que Sigmund Freud oportuniza analisar com mais propriedade a sociedade burguesa, uma vez que este era um meio social que se constituiu oprimido

por regras e costumes sociais baseados numa moralidade. Dentro do lar as relações afetivas e os papéis de gêneros eram enquadrados em rígidos aspectos morais que estabeleciam modelos de feminilidades e masculinidades baseados na virtude. Nesse aspecto, enunciar a ideia de desejo sexual seria interdito, silenciado pela ideia de moralidade.

Todavia, essa negação da existência do prazer não condiz com a ideia de que o ser humano é movido por suas pulsões. Na realidade esse ambiente social moralizado provocaria formas de instabilidades psíquicas, uma vez que ao negar seus instintos o homem se desumaniza, a infelicidade se instala e a ideia de permanecer nessa realidade parece ser insuportável ao indivíduo. Como é praticamente impossível executar uma recusa total em seguir padrões sociais o sujeito parte para alternativas que permitam alcançar um equilíbrio: buscar uma postura dual ao manter uma conduta moral e simultaneamente estar livre para investir na busca da saciedade do prazer.

Clodoaldo Freitas pertence a um contexto temporal no qual as regras de uma moralidade burguesa estavam devidamente delineadas. Em suas narrativas o literato fala de uma sociedade do início do século XX que foi instituída a partir de valores sociais defendidos pela moral católica e que esses padrões morais eram difíceis de serem redefinidos. É na arte que Freitas escapava dessa rigidez de conduta, o desejo era expresso através da linguagem, sua ficção emitia impressões sobre o desejo sexual e permitem identificar a ideia de que mesmo em um quadro social que possui uma moral supostamente rígida, o prazer se faz presente. Para Peter Gay uma narrativa ficcional ligada à libido pode indicar que a chamada era de Freud – esse recorte que se refere ao final do século XIX e ao início do século XX – está embebida pela ideia de uma ansiedade burguesa, cujo desejo sexual é constantemente reprimido, mas que as maneiras de fugir dessa repressão são igualmente burladas, mesmo que simbolicamente.

A ficção pode revelar pequenos flagrantes da vida burguesa e o olhar psicanalítico sobre a arte permite construir a ideia de que a Literatura pode exercer uma dupla influência: abrandar os desejos não saciados do escritor e também de seus leitores. Essa hipótese é levantada a partir de uma interpretação freudiana acerca do desejo que não pode ser saciado. Freud apresenta a ideia de que o indivíduo com desejo sexual

reprimido pode ter essa pulsão sublimada para a arte. O artista consegue espelhar em sua escrita seus desejos inconscientes e também aludir aos desejos de um grupo social. Deste modo, a psicanálise emerge como um essencial método de investigação da psique humana.

Registros eróticos da sociedade são difíceis de serem capturados pelos historiadores. Mas não é uma tarefa impossível tendo em vista a produção literária que permite compreender as formas de experiências amorosas por uma sociedade burguesa em formação. Ao analisar as representações de gênero de algumas obras literárias do escritor piauiense Clodoaldo Freitas que circularam no início do século XX este artigo busca entender a respeito de uma escrita masculina, especificamente sobre a maneira como o prazer sexual masculino se afirma em uma determinada sociedade.

Nascido em Oeiras (PI) em 1855 e falecido no ano de 1924, aos 81 anos de idade, Clodoaldo Severo Conrado de Freitas formou-se como bacharel pela Faculdade de Recife, atuou como jornalista, promotor público, professor, magistrado e escritor. Sua carreira literária começa em grande medida na sua atuação como editor, uma vez que, publicou diversos fragmentos literários nos jornais das cidades onde trabalhou: Teresina, Belém, São Luis e Manaus.

Existe um ponto em comum que diz respeito às duas narrativas de Clodoaldo Freitas abordadas neste estudo: *Memórias de um velho* e *Coisas da vida*. As referidas tramas apresentam um narrador que relata sua trajetória de vida para o leitor, a partir de uma idade avançada. É a partir da narrativa de um homem maduro que o narrador produz um relato que se propõe para os mais jovens, uma possibilidade de instruir, de ser modelo de experiência de vida. A escrita prescritiva se faz presente no conjunto ficcional de Freitas, para apresentar aos leitores, quais as relações amorosas eram legitimadas socialmente e quais eram as posturas desejadas, para homens e para mulheres dentro de um relacionamento. Também é possível compreender de que maneira as narrativas dos fatos dessas duas obras de Clodoaldo Freitas se configuram como escritas masculinas, que remetem ao posicionamento do autor frente aos temas por ele abordados. Existe entre os dois protagonistas – Milo e Plínio – um perfil comum: homem, culto, pertencente a uma família de grupos médios da sociedade,

detentor de ideais políticos, republicano e anticlerical e que valoriza a virtude do trabalho masculino e a beleza moral feminina. Todos estes elementos apontam para um modelo burguês de masculinidade, cada vez mais frequente não apenas nos textos ficcionais como também na realidade social. (GAY, 2002)

*Memórias de um velho* é um romance-folhetim publicado no jornal *Pátria* de Teresina durante dois meses, entre os anos de 1905 e 1906. A análise da obra permite compreender a impossibilidade de manter os personagens masculinos e femininos dos romances de Clodoaldo Freitas presos a um único modelo de gênero. Seus personagens se posicionam, para além de qualquer modelo fixo, e não se resumem a apenas um modelo de masculinidade e feminilidade. Afinal, gênero é uma categoria de análise que recusa o caráter fixo e permanente das identidades. (SCOTT, 1995; MATOS; SAMARA, 1997) As generalizações dos papéis de gêneros devem ser evitadas, uma vez que as representações masculinas e femininas tratadas não cabem em formulações previamente dadas, pelo contrário, espriam-se para fora dos limites a ela estabelecidos e revelam a historicidade dos modelos de masculinidade e feminilidade. (BUTLER, 2016)

Em *Memórias de um velho*, após vivenciar experiências dolorosas o protagonista Milo é surpreendido por uma “paixão violenta”, ao vivenciar um romance com Josefina. Mesmo sendo esta uma mulher casada, Milo não hesitou em se entregar a uma relação que, aos olhos da sociedade, seria considerada ilícita. Para ele, no entanto, era o amor que deveria prevalecer diante da lei:

*Dessa noite em diante o tempo que Josefina podia roubar ao marido, vinha passar comigo. Algumas vezes narcotizava-o. O nosso amor encrudescia cada vez mais e o gozávamos sem remorsos [...]. A sociedade impõe um absurdo. Nos revoltamos contra ela. Quem tem razão: a lei? o uso? a moral? Não: o amor. O amor é o laço do casamento, mas torná-lo eterno e aquele temporário, é inverter a essência da própria natureza das coisas. (FREITAS, 1905)*

Para Clodoaldo Freitas as convenções sociais como o casamento não deveriam ser cristalizadas, mas adaptadas às necessidades dos homens. Em casos como o de Josefina e de seu marido Jorge, quando a ligação se baseava apenas em um contrato social, o

matrimônio acabava se constituindo num empecilho para o amor e até mesmo num estorvo para um dos cônjuges. Além disso, o protagonista considerava Jorge inferior a ele em todos os aspectos. Uma fraqueza física e moral que sequer permitiram ao marido traído conseguir vingar a desonra sofrida após a descoberta da traição da esposa: em um duelo, no qual as armas eram punhais, Jorge teve um fim trágico na narrativa, sendo derrotado e morto por Milo. Em situações semelhantes a essa, quando o marido se mostra, por qualquer motivo, indigno da esposa, a mulher acaba se tornando a principal vítima de um casamento infeliz. Isso seria, aos olhos do narrador, um equívoco da legislação, que impedia e condenava as esposas, que em tal situação, tentassem buscar a felicidade ao lado de outro homem que fosse socialmente igual ou superior a ela.

Freitas constrói uma narrativa em que o adultério feminino apresenta-se visível e abre a possibilidade de que haveria uma dissolução de valores morais. A narrativa literária evidencia que em determinados momentos da vida as pulsões podem ser irresistíveis e fatalmente haverá uma recusa do indivíduo em seguir os padrões sociais. Independentemente da sua formação moral o sujeito pode se permitir conduzir pelas paixões e criará maneiras de vivenciar a satisfação desse prazer. No entanto, é possível vislumbrar o permanente conflito entre prazer e realidade, do qual Sigmund Freud trata. O protagonista almeja ceder aos apelos do desejo, contudo recua e silencia sobre os seus sentimentos diante da sociedade para resguardar a moral.

Em *Coisas da vida*, publicado em forma de folhetins no jornal *Diário do Maranhão* entre os anos de 1908 e 1909, a quantidade de questões relacionadas à vivência da sexualidade de casais chama a atenção. A trama se passa em algumas cidades do Brasil como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, e ainda, o interior do Piauí e de Pernambuco. Esta obra potencializa possibilidades de chaves de leitura ao realçar a narrativa em uma intrincada relação de um jovem estudante piauiense em meio a belas jovens de um engenho em Pernambuco.

*Coisa da vida* permite perceber como um literato – no seu lugar de sujeito masculino – compreendia os amores de juventude, pois, era durante a sua vivência que se deveria experimentar os prazeres proporcionados pelo amor.

Esse romance de Clodoaldo Freitas trata dessa possibilidade de fantasia sexual masculina, se posicionando como uma escrita prescritiva ensinando aos homens de sua época a desfrutar de momentos sublimes sem extrapolar os limites, ou seja, mantendo as aparências sociais. O autor aponta em sua narrativa quais práticas sexuais eram aceitáveis. E estas deveriam ser preferencialmente vivenciadas com mulheres jovens, de igual posição social, movidas pelo sentimento, e, sobretudo desenroladas com discrição – no momento certo, distante de olhares curiosos. Desse modo, não haveria problemas que impedissem a consumação das paixões, mesmo com mulheres casadas, como era o caso de Camila, a esposa do comendador Herculano.

A paixão por Camila era uma relação que se diferia das outras não apenas por configurar um adultério feminino, mas porque não havia interesse de Camila em romper o matrimônio. Apesar de ter quase a mesma idade das filhas do marido, Camila não demonstrava interesse em abandonar o marido, pelo contrário, aconselhava Plínio a escolher uma futura esposa. Os encontros fugazes e a própria posição de mulher casada de Camila permitiam o estreitamento da relação sem que suspeitas fossem levantadas durante todo o enredo. Simultaneamente, Plínio também pôde desfrutar silenciosamente de encontros amorosos ainda com Carlota, que era enteada de Camila, e ainda com as jovens Rosina e Hortência, que surgem no enredo para aquecer o romance.

Plínio passa todo o enredo extasiado com as possibilidades amorosas que vão surgindo e festeja cada uma das suas experiências sexuais. Ele as descreve com todo o entusiasmo provocado pelas impressões voluptuosas deixadas pelas suas companheiras. Nesse momento, percebe-se que há uma exaltação do prazer, de que o amor deveria ser vivenciado resultando em momentos que se definissem abençoados e próximos de uma experiência de viver num paraíso.

Peter Gay ao abordar a experiência burguesa no século XIX, aponta que o período de noivado de um casal poderia oferecer oportunidades para a experimentação sexual sem que isso fosse compreendido como algum tipo de desonra. Segundo o autor “a inocência era algo relativamente elástico” (GAY, 1989, p. 68) em outras palavras, as práticas sexuais poderiam ser efetivadas a partir de um modelo de pensar que permitisse

ampliar a definição de moralidade, pelo menos para quem se dispusesse a compreender que os desejos sensuais também deveriam ser vivenciados.

As jovens mulheres da trama aceitaram vivenciar a paixão surgida pelo fascínio produzido pelo belo estudante de direito. Entretanto, a consumação desse desejo tem seu preço, pois, a mulher daquele contexto social vivia num mundo onde existia uma idealização de uma feminilidade socialmente aceitável. Valorizava-se a mulher virtuosa e honesta – no sentido moral e sexual. Em nenhum momento Plínio não recusava o amor oferecido por Camila, Hortência, Carlota e Rosina, mas, não deixou de defini-las como mulheres caprichosas, sedutoras e voluptuosas. De fato, Plínio não conseguia resistir em aproveitar os sabores da vida e considerava que a sua juventude era o momento certo para experimentar os prazeres produzidos pelos breves encontros amorosos. Seja no interior ou na cidade, as ocorrências de entrevistas combinadas eram recorrentes e Plínio definia todas como se fossem “delícias do céu” (FREITAS, *Diário do Maranhão*, ano 39, n. 10.634, p. 1, 1908.) Curiosamente tudo acontecia com a mais absoluta discrição, secretamente cada uma das jovens mulheres vivenciava o seu amor com Plínio e este apenas se desdobrava em contentar a todas e manter as aparências. A narrativa de *Coisas da vida* permitia encontros amorosos com mais facilidade e a prática discursiva acerca da masculinidade reforçava a idéia de permissibilidade das práticas sexuais fora do casamento como algo aceitável entre os homens.

As passagens que descrevem as aventuras amorosas de um jovem estudante sugerem o quanto a burguesia poderia estar envolvida com a noção de prazer sexual. Plínio seguia dissimulando seus momentos íntimos sem ser repreendido. E assim, seus encontros transcorriam sem impedimento algum com Camila no quarto de hóspedes: “Agarrei-a com ímpeto, estreitei-a nos braços e Deus nos abençoou, porque durante esses dois minutos de gozo não fulminou-nos. Ela depois, saiu, prometendo voltar à noite” (FREITAS, *Diário do Maranhão*, p. 1, 1908). Ao narrar seu encontro com Carlota e Hortência, Plínio se referiu com animação. Ao lado de Carlota: “Deus sabe que a carne humana tem leis inflexíveis e palpites irresistíveis em certos momentos há verdadeira transfiguração, nós entramos corpo e alma nas delícias do céu”. (FREITAS, 1908.). E por fim, ao lado da tola Hortência que: “não teve coragem de lutar contra a

fúria do amor, cedeu e caiu, e, como as outras, tomou gosto pelo amor”. (FREITAS, 1908.) O personagem Plínio exaltava a mocidade como o momento de desfrutar do belo e do prazer. E essa ideia acaba contemplando até mesmo aquelas mulheres definidas por um modelo de feminilidade ideal, cujo recato, virtude e moralidade eram questionados, pois, estas estariam apenas dissimulando os seus internos desejos eróticos.

*Eu não quero insistir nas extravagâncias, que fizemos durante essas últimas quatro noites. Era preciso contentar as quatro e me multiplicava em furor erótico, em ternuras e carinhos como um nabuco louco, desperdiçando os diamantes do meu coração no regaço dessas fadas. Mulheres! Mulheres! E há ainda quem se iluda com risos de inocência, com esses gestos de pudor! De todas elas a mais bela e voluptuosa era Rosina. Que criatura soberba de carnação e volúpia! (FREITAS, 1908: 1)*

A mulher que no discurso dominante teria seu papel no sexo subordinado a uma postura passiva, agora era realçada não somente como uma presença ativa, mas que também buscava prazer e que poderia levar um homem a se desvirtuar. Esta é uma das contribuições principais dos estudos de gênero na pesquisa histórica, ao permitir perceber a heterogeneidade quanto às formas masculinas e femininas, auxiliando à sua compreensão. (MATOS, 1997: 107) É impossível manter as mulheres do romance *Coisas da vida* presas a um único modelo. Elas se posicionavam para além de qualquer modelo fixo e generalizá-las a apenas um modelo de feminilidade seria incorrer em uma análise superficial. Deve-se lembrar que essa característica instável é própria da forma como nós compreendemos as identidades de gênero como noções em estado permanente de transformação, não sendo uma concepção que subordina papéis masculinos e femininos em uma homogeneidade. (LOURO, 2003)

Apesar de o amor ser uma presença constante nas juras trocadas em praticamente todos os eventos da narrativa, o que afinal prevaleceu para Plínio foi o casamento arranjado. As moças com quem o protagonista se relacionou, apesar de pertencerem ao mesmo círculo social que ele, não representavam o modelo de esposa desejado pelo estudante. A mulher ideal que ele almejava casamento somente é apresentada no final da narrativa. Ela é Adélia, uma jovem amiga da família. A narrativa de *Coisas da vida* finaliza sem uma descrição de como seria a vida marital do

novo casal, sugerindo a ideia de que dentro do matrimônio prevaleciam relações moralmente aceitas e não relações voluptuosas.

O casamento pela escolha pessoal e movido pelo amor surgiu nas últimas décadas do século XIX se contrapondo ao modelo tradicional de escolher o futuro cônjuge por interesses financeiros e familiares. A emergência do amor romântico é um dos elementos promotores dessa transformação das regras do mercado sentimental, entretanto os matrimônios consumados sem a consideração da paixão e do sentimento ainda prevaleciam nas classes alta e média da sociedade. (DEL PRIORE, 2000, p. 157) Nesse sentido, a rejeição de Plínio pelas jovens com quem teve iniciações sexuais está longe de ser encarado como uma contradição, pois, ele estava inserido em um modelo familiar burguês que prescrevia papéis definidos para cada membro familiar.

O lugar de fala dos protagonistas de *Memórias de um Velho* e *Coisas da vida* é de alguém que narra a sua experiência de mocidade do alto da sua maturidade, ou seja, Milo e Plínio delineiam a história de seus amores quando estava em idade avançada, e, cada fato narrado por ele deveria ser compreendido para seu público leitor como uma lição de vida.

A pedagogia moral apresentada na literatura de Clodoaldo Freitas é direcionada para ambos os sexos. Para as mulheres especialmente as jovens em idade de se casar, a narrativa funciona como um ensinamento para o que não deve ser feito em um relacionamento. Josefina, Carlota, Rosina, Camila e Hortência escolheram vivenciar as suas paixões, mas todas pagaram um preço por isso. Josefina e Camila praticaram adultério e foram abandonadas; Rosina foi assassinada pelo seu ex-noivo; Carlota morreu vítima de um atropelamento; e, Hortência falecera em consequência de um aborto. Apesar de todas passarem por experiências amorosas elas são punidas moralmente por fugirem do modelo tradicional de feminilidade que exigia da mulher uma postura virtuosa antes e depois do casamento. A narrativa do romance conduz a ideia de que as paixões impulsivas poderiam ter duplo efeito: serem simultaneamente irresistíveis e perniciosas.

Outra hipótese que pode ser considerada na análise do desfecho dessas narrativas literárias está associada a ideia de recalçamento depositada no próprio autor da obra

ficcional. Para Sigmund Freud o recalçamento é um mecanismo do inconsciente, um processo mental que elimina da consciência partes internas da vida afetiva. A ideia de recalçamento não diz respeito a uma supressão das excitações mas a suposição de que as excitações são desviadas do seu objeto e se manifestam como sintomas. (FREUD, 2016) Neste caso específico, existe a ideia de que na impossibilidade de poder continuar a experimentar essa vida sexual o narrador simplesmente externa um desejo de morte. Ainda que não pratique qualquer tipo de ação violenta contra suas parceiras o narrador se beneficia da morte das jovens para evitar a pulsão sexual. Se não existem corpos desejantes, não existe a angústia e o conflito para evitar o desejo, a chamada paixão irresistível. Lembrar que a literatura analisada espelha um grupo social médio, que possui uma necessidade de preservar seus valores morais. Esta é uma sociedade puritana demais para ceder aos apelos do corpo e tornar este fato público. Uma vez manifestada, a repressão leva o indivíduo a inconscientemente agredir a todos a sua volta, um resultado direto do recalçamento.

As relações amorosas furtivas dos homens durante a juventude se configuram como algo aceitável na sociedade do início do século XX. Esta seria ao lado da erudição, da sensibilidade e da paternidade, um dos elementos afirmadores da masculinidade, por isso, os encontros amorosos quando possibilitados deveriam ser vivenciados pelos homens para dar legitimidade a sua virilidade, já que, as atitudes grosseiras e violentas como características masculinas estavam cada vez mais desvalorizadas. (CASTELO BRANCO, 2005) O romance de Clodoaldo Freitas lembra que as paixões, principalmente as masculinas, poderiam ser praticadas livremente. Entretanto, era necessário vivenciá-las a partir de um modelo de racionalidade. As práticas sexuais aceitáveis na juventude deveriam ser realizadas com mulheres disponíveis, ou seja, com aquelas que não se enquadravam ao modelo de esposa ideal.

Longe de ser apenas uma dissimulação, podemos compreender que o romance de Clodoaldo Freitas tem a característica de ser uma exaltação das paixões da mocidade masculina, mas controladas dentro dos limites da razão, (GAY, 1989: 85) sem fugir aos modelos de gênero idealizados.

Os estudos desenvolvidos pelo médico Sigmund Freud conquistaram grande relevância no cenário mundial justamente por difundirem a ideia de que seria imprescindível compreender os sentimentos internos porque somos movidos pelo nosso próprio inconsciente. Nossas atitudes no meio social, em especial aquelas ações bloqueadas por motivos emocionais, resultariam de memórias e desejos reprimidos, que estão ocultos no inconsciente e que são desagradáveis demais para serem lembrados.

A repressão à sexualidade parece ser um fato aparentemente silenciado no período correspondente ao início do século XX. Momento em que ainda persistiam as repressões sociais – de maneira informal ou institucionalizada –, que, se voltavam contra o conhecimento do próprio corpo e principalmente do prazer que este poderia produzir ao indivíduo. (COSTA, 1979: 79-151) Entretanto, seria inadequado afirmar que não havia lugar para o desejo ou que as práticas sexuais eram inibidas e/ou proibidas. Na verdade, ocorriam formas diversificadas de exprimir os desejos e nesse ponto a produção ficcional acerca do erotismo masculino é significativamente maior do que em relação aos desejos femininos.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Masculinidades Plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *História UNISINOS*. São Leopoldo, v. 9, n. 2, maio/ago, 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- FREITAS, Clodoaldo. Coisas da vida. *Diário do Maranhão*, São Luís, ano 39, 16 dez. 1908-2 jan. 1909.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Obra Completa*. Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. Análise Fragmentária de uma Histeria (“O Caso Dora”) e Outros Textos. (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.
- GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GAY, Peter. *O século de Schnitzler: a formação da cultura da classe média. 1815-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, erotismo e amor nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SOHIET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de. SAMARA, Eni Mesquita (Org.). *Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUSC, 1997.
- MEZAN, Renato. Freud e a psicanálise: “um trabalho de civilização”. In: ALMEIDA, Jorge de e BADER, Wolfgang (Orgs.). *O pensamento alemão no século XX: grandes protagonistas e recepção no Brasil, vol. I.*, p. 39-65.
- NAKASU, Maria Vilela Pinto. *Sublimação, Pulsão de Morte, Superego: O Papel das Teses Freudianas Sobre a Cultura na Elaboração das Concepções Metapsicológicas*. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Tese. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. 262 f.
- QUEIROZ, Teresinha. História e Literatura. In: QUEIROZ, Teresinha. *Do singular ao plural*. Recife: Bagaço. 2006.
- QUEIROZ, Teresinha. *História, Literatura, Sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e república: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 2. ed. Teresina/João Pessoa: EDUFPI/EDUFPB, 1998. Recife: Edições Bagaço, 2006.



SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.